

TRADUÇÃO RECÍPROCA E DOUBLE BIND – TRANSBORDAMENTO E MULTIPLICIDADE DE LÍNGUAS *

PAULO OTTONI

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

Eis o que nos ensina uma tradução, não o sentido contido num texto traduzido, nem isso ou aquilo, mas que há língua, que a língua é língua e há uma pluralidade de línguas que têm entre elas este parentesco de ser línguas.

Jacques Derrida¹

A literatura aspira ao idiomático. O texto literário, que é certamente sobre-determinado por todo tipo de coisas, só tem definição não institucional (mas o literário aqui vai suspender qualquer instituição, inclusive a da literatura) como idioma.

Geoffrey Bennington²

As discussões recentes em torno da tradução, que não compartilham com a ciência lingüística seus princípios estruturais e formais, surgiram comprometidas principalmente com as relações entre sujeito e linguagem, possibilitando uma reviravolta significativa na reflexão sobre o papel exercido pelo tradutor. Discuto e destaco, neste trabalho, a contribuição do tradutor enquanto um sujeito que interfere na língua transformando e produzindo significados, um sujeito que intervém nas línguas envolvidas na tradução.

À medida que as novas posturas frente à tradução se fortalecem, é fundamental nos debruçarmos sobre os pressupostos que sustentam estas reflexões. Descartada a abordagem estrutural e formal de base lingüística, não é fácil traçar uma linha divisória e simplesmente passarmos a considerar tudo o que se faz atualmente a partir das concepções pós-estruturalistas da linguagem, em oposição

¹ Este texto é uma versão modificada da conferência, com o mesmo título, proferida na Universidade de Heidelberg – Alemanha – no Institut für Übersetzen und Dolmetschen em 4 de fevereiro, e na Unión Latina em Havana – Cuba – em 4 de julho de 1997.

² *L'Oreille de L'Autre*, 1982, p. 164

³ Jacques Derrida, 1991, p. 128.

ao que se fazia anteriormente, como possíveis soluções às questões que a tradução traz. Quero dizer que esta atitude de dividir em dois momentos os estudos da tradução é apressada e deve ser tratada com mais prudência. As reflexões de base linguística sobre a tradução têm pressupostos teóricos que diferem muito daqueles das abordagens pós-estruturalistas, mas nem por isso essas reflexões devem ser deixadas de lado de maneira radical¹. Se, por um lado, uma linguística estrutural e formal não dá conta de sistematizar e teorizar a tradução no interior de uma ciência, por outro, na abordagem pós-estruturalista a tradução passa a ser considerada como uma questão ideológica e filosófica.

A respeito dessa mudança de uma abordagem para outra, não analisarei esta possível linha teórica divisória, por considerá-la até certo ponto irrelevante para este trabalho. A tradução não é domesticável em si, ela resiste a qualquer tentativa de sistematização em qualquer postura teórica ou histórica. Discutirei, então, a tradução enquanto acontecimento da linguagem que deflagra a existência das línguas, a partir da reflexão de dimensão desconstrutivista, proposta por Jacques Derrida.

A tradução não é uma relação entre dois sistemas lingüísticos autônomos, nem uma relação que envolve duas línguas distintas, mas um acontecimento que evidencia que há sistemas lingüísticos que comportam em si várias línguas. Quero dizer que não vou privilegiar a diferença institucional prevista para as línguas, ou seja, uma oposição, um antagonismo, entre as duas línguas envolvidas na tradução; mas sim, suas semelhanças e suas proximidades. A tradução é um acontecimento que deflagra a língua e as várias línguas presentes num mesmo sistema lingüístico. Esta postura de Derrida (cf. 1982, p.134) frente à tradução vai numa direção diferente da postura estrutural e da pós-estruturalista ao chamar a atenção para o jogo de significação entre as línguas que ocorre em qualquer tradução – desconstrução.

Volto à afirmação anterior de que há dificuldades em se traçar uma linha divisória entre duas abordagens sobre a tradução, uma estrutural e formal, e uma outra pós-estruturalista: quero dizer que a questão principal está na relação de oposição e de semelhanças entre as línguas envolvidas na tradução e no modo como cada uma destas abordagens concebe esta relação. Na abordagem estrutural

¹ Dois livros exemplificam de maneiras distintas a resistência da tradução a modelos teóricos. *Les Problèmes Théoriques de la Traduction*, de George Mounin (1963) já evidenciava, de certo modo, no interior da ciência linguística esta resistência, ao colocar a questão da impossibilidade da tradução a partir do ponto de vista teórico de uma linguística estrutural e formal. *Translation and The Nature of Philosophy – A New Theory of Words* de Andrew Benjamin (1989) reflete também uma espécie de resistência, através de uma reflexão que estabelece uma relação entre a tradução e a filosofia, a partir de uma postura pós-estruturalista.

as diferenças e oposições formais entre as línguas criam e mantêm certas dicotomias, como por exemplo: sujeito e objeto, teoria e prática, e forma e conteúdo. Estas dicotomias são encaradas, então, como inerentes ao fenômeno da tradução. A abordagem pós-estruturalista surge justamente para questionar estas dicotomias que serão analisadas como construções teóricas e filosóficas; no entanto, mantém, de maneira diferente, da abordagem estrutural e formal, a dicotomia: língua materna e língua estrangeira.

A concepção de tradução que eterniza a distinção entre dois pólos antagônicos e opostos, entre língua materna e língua estrangeira, como faz a abordagem estrutural, define a tradução como um fenômeno universal que garante o transporte de significados de uma língua para a outra. Pretendo discutir e redimensionar esta distinção – língua materna e língua estrangeira – estes pólos antagônicos e mostrar que eles são complementares e que a tradução é um acontecimento que está dentro do jogo de significados que se produz entre as línguas. Não há assim, fronteiras entre as línguas, elas se complementam, provocando e proporcionando um transbordamento e evidenciando a multiplicidade de línguas envolvidas na tradução.

A abordagem estrutural e formal é a que sofre as mais severas críticas pela maneira como reafirma estas dicotomias. A grande parte dessas críticas começaram a surgir a partir dos anos oitenta, através dos *Translation Studies*, que se apóiam numa postura pós-estruturalista da linguagem e questionam a maioria dessas dicotomias. Por isso, estas duas abordagens têm posições diferentes, e respondem, certamente, de maneiras distintas a duas questões fundamentais para Steiner (1975):

Podemos argumentar que todas as teorias de tradução – formais, pragmáticas e cronológicas – são apenas variantes de uma única e eterna questão. Como podemos ou devemos atingir a fidelidade? Qual é a correlação privilegiada entre o texto A na língua de partida e o texto B na língua de chegada? Esta questão tem sido discutida há mais de dois mil anos. (p. 275)

Como conceber, então, esta fidelidade, esta correlação privilegiada se partirmos de uma visão de tradução que, em si, põe em questionamento a própria questão de Steiner, ao desfazer a oposição entre duas línguas? Vejamos esta afirmação de Derrida (1982):

E a tradução pode tudo, exceto marcar esta diferença lingüística inscrita na língua, esta diferença de línguas inscrita numa só língua: no limite ela pode fazer tudo, exceto isto, exceto o fato de que há num sistema lingüístico, talvez, várias línguas, algumas vezes diria mesmo sempre, várias línguas, e há impurezas em cada língua. (p. 134)

Nessa visão de linguagem, as noções de língua e de tradução dão uma outra dimensão a esta preocupação de Steiner. Ou seja, na dimensão desconstrutivista, fica abalada a dicotomia, a divisão estanque entre duas línguas. Nesta dimensão devemos refletir sobre as seguintes questões de Derrida: *Como um texto escrito em várias línguas ao mesmo tempo pode ser traduzido? Como o efeito de pluralidade pode ser “restituído”? E se traduzimos a partir de várias línguas ao mesmo tempo, podemos chamar isto tradução?* (1985, p. 215)

Quando se distinguem duas línguas de modo antagônico há um compromisso com uma teoria de tradução para explicar esta correlação privilegiada entre uma língua de partida e uma outra, a de chegada. A tradução é encarada como um fenômeno transcendente, o tradutor é aquele que vai, com muita habilidade e experiência transportar, sem contaminar, um texto de uma língua para a outra. Na dimensão desconstrutivista, língua e tradução vão se (con)fundir, uma não sobrevive sem a outra; descartando a tensão que está pressuposta nas questões de Steiner: como atingir a fidelidade? Qual é a correlação privilegiada entre duas línguas? Para a dimensão desconstrutivista, a tradução é um acontecimento que deflagra a língua, está entre as línguas, e faz parte das línguas. O tradutor é aquele que vai transformar e produzir significados, produzir outras *impurezas* na língua para a qual traduz. Na abordagem estrutural e formal, a tradução não só não permite que haja um transbordamento de significados de uma língua para outra como tem de se justificar através do conceito de fidelidade: neste caso a tradução é perda, é traição, já que dificilmente se atinge a fidelidade, se estabelece uma correlação entre as línguas do original e as da tradução. Na abordagem pós-estruturalista há ainda a permanência deste conceito de fidelidade, mas já encarado de outra maneira, fora do campo estritamente lingüístico; a fidelidade ou infidelidade será discutida dentro de uma perspectiva filosófica e ideológica que permite que esta correlação se dê levando em conta que a fidelidade pode ser atingida a partir das concepções, por exemplo, de texto, de leitura e de interpretação. Diferenciando-se das duas abordagens, na dimensão desconstrutivista, a questão da fidelidade e da correlação privilegiada entre as línguas não são mais pertinentes para tratar do transbordamento e do jogo da multiplicidade de línguas envolvidas na tradução.

As questões levantadas por Steiner estão diretamente ligadas à distinção e à definição de tradução que enfatiza as diferenças e as oposições, de maneira estanque, entre as línguas. Por isso, falar de fidelidade e de uma correlação privilegiada entre o texto A e o texto B são ilusões – teóricas e filosóficas – necessárias para fortalecer a concepção de tradução como um fenômeno transcendental. À medida que as línguas são encaradas como pólos complementares, não há uma distinção entre elas, as questões, então, são outras. É a partir desta postura que pretendo tratar algumas questões da tradução e do transbordamento

de línguas que se expressa através do *double bind*, interferindo definitivamente em qualquer tentativa de se falar em fidelidade, ou de uma correlação privilegiada entre duas línguas. O *double bind* mostra através da língua que a tradução é necessária e impossível. A intervenção de uma língua na outra proporciona a produção de significados, só através do *double bind* que um texto se faz outro ao evidenciar que a diferença de significados não é privilégio das diferenças e diferentes línguas, mas de como esta diferença cria uma espécie de tradução recíproca a partir da intervenção do tradutor, que não se liberta da imposição e da intervenção das línguas envolvidas na tradução. A tradução inevitavelmente promove a língua e a faz transbordar, é o momento mais explícito do confronto de línguas, das diferenças e semelhanças entre elas e das diferentes línguas existentes numa mesma língua (cf. Derrida, 1982, p.134). Em Ottoni (1997) discuto o papel que o tradutor exerce nesta dimensão desconstrutivista e faço a seguinte afirmação:

Estar neste "meio", neste "duplo" papel em que se encontra o tradutor [...] é um fenômeno decorrente não só porque há diferença lingüística entre as línguas, como também porque há diferença de sistema de línguas inscrita numa só língua [cf. Derrida acima]. Este "meio" é o lugar do indivíduo, do sujeito que não se separa do seu objeto (a língua), das suas diferenças e nem das suas impurezas. O sujeito, ao traduzir, está "entre" a diferença de dois sistemas lingüísticos e no "meio" das várias línguas que compõem as línguas envolvidas na tradução. (pp. 23-24)

Analiso inicialmente um trecho do *Finnegans Wake* de James Joyce traduzido para o português e comentado por Augusto de Campos. Discuto a maneira como o tradutor encara a questão do transbordamento e do *double bind* na produção de significados de um texto escrito em várias línguas ao mesmo tempo. Em seguida, discuto a tradução de três passagens de *Glas* de Jacques Derrida para o inglês, por John P. Leavey Jr. e Richard Rand. Podemos perceber a intervenção dos tradutores que representam o *double bind* e criam novas situações lingüísticas para o inglês. E finalmente apresento um trecho do *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa, traduzido para o alemão por Curt Meyer - Clason, e como a questão da tradução do nome próprio e da manutenção de algumas palavras em português, no texto em alemão, possibilitam através do *double bind*, do mesmo modo que em *Finnegans Wake* e *Glas*, uma espécie de tradução recíproca.

Sobre *Finnegans Wake* de James Joyce, Derrida comenta de maneira magistral a sua importância para refletir sobre as línguas e a tradução ao analisar as possíveis e impossíveis traduções da frase: "And he war". Discute a "guerra das línguas" e de como Joyce se aproxima do implante, e sem rejeição possível, de uma língua para o corpo de outra (1987, p.32). E, em duas outras passagens, dá uma idéia precisa da complexidade e importância deste livro:

Pois não podemos dizer nada que não esteja programado nesse computador de milésima geração. Ulysses, Finnegans Wake, junto ao qual a tecnologia atual de nossos computadores e de nossos arquivos micro computadorizados e de nossas máquinas de traduzir não passa de uma bricolagem, um brinquedo pré-histórico de criança. Um brinquedo cujos mecanismos, sobretudo, se arrastam. Sua lentidão é incomensurável com a rapidez quase infinita dos movimentos das conexões joycianas. (pp. 20-21)

E mais à frente, ao completar sua argumentação em torno da impossibilidade de se traduzir várias línguas ao mesmo tempo, ele afirma:

Imaginem as máquinas de traduzir mais poderosas e aperfeiçoadas, as equipes de tradução mais competentes. Mesmo seu sucesso só pode ser um fracasso. Ainda que, numa hipótese inverossímil, elas tivessem traduzido tudo, fracassariam em traduzir a multiplicidade das línguas – e em conservar o que há de estrangeiro na tradução. Elas apagarão este simples fato: uma multiplicidade de idiomas, não apenas de sentidos, mas de idiomas, deve ter estruturado este acontecimento da escrita, que agora dita a lei. (p. 32)

Vejamos o trecho de *Finnegans Wake* traduzido e comentado por Augusto de Campos²:

Who sleeps in now number one, for example? A pussy, purr esimple. Cunina, Statulina and Edulia, but how sweet of her! Has your pussy a pessname? Yes, indeed, you will hear it passim in all the noveletta and she is named Buttercup. Her bare name will tellt it, a monitress. (FW, 561, p. 72, ênfase minha).

Quem dorme agora no número um, por exemplo? Uma gata, pura e simples. Cunina, Statulina e Edulia, mas que mimo de doçúcar. Sua mimi tem um nome? Sim, cetim, há de ouvi-lo passim em tôda a noveletta e ela se chama Amargarina. Seu nome próprio o diz, é minitora. (p. 73, ênfase minha)

Reproduzo parte do comentário de Augusto de Campos (1971), que discute a tradução deste trecho, pois considero fundamental mostrar como na sua argumentação outras línguas intervêm no seu processo tradutório; ele afirma:

² Este trecho de nº 15 pertence ao capítulo IV: HCE (H.C. Earwicker) e ALP (Ana Livia Plurabelle) ‘Seu Leito de Julgamento’ – do livro IV: ‘do Povo’, e contém a descrição da filha de HCE dormindo. Estou utilizando a segunda edição do *Panorama do Finnegans Wake* publicada em 1971. A parte que reproduzo, para minha análise, se manteve idêntica à da primeira edição; uma publicação não-comercial, editada pelo Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, São Paulo, 1962.

[...] vemos *Issy*, na "persona" infantil de *little Buttercup* com seu espelho (signo do tema das irmãs duplicadas - Alice no País-dos-Espelhos) e sua boneca. *Buttercup* = espécie de ranúnculo: trocadilho desenvolvido na linha a *gracecup filled with bitterness*, sendo que *cup of bitterness* = taça de amargura; há ainda ecos de *butterfly* (borboleta) e *butter* (manteiga). Em português, usou-se outra chave: deu-se a *Buttercup* o nome de *Amargarina*, que, aliás, está em consonância com importante personificação juvenil de Ana: *Margareen* - págs.164/166 -, que é disputada pelos dois irmãos *Burrus* e *Caseous* (*Brutus* e *Cassius* + *butter & cheese*, *beurre*, em francês = manteiga; *caseus*, latim para queijo), naturalmente, projeções de *Shaun* e *Shem*. (pp. 93-94)

Nesse comentário há uma série de observações e explicações que exemplificam como aparece em cena, a partir da tradução, a questão do *double bind* interferindo de modo definitivo na produção de significados de uma língua para a outra a partir da intervenção da língua do tradutor. Relembrando Derrida quando afirma que as sofisticadas máquinas de traduzir não passariam de uma *bricolagem*, já que: *elas apagariam [ao traduzir] este simples fato: uma multiplicidade de idiomas, não apenas de sentidos, mas de idiomas*. Augusto de Campos explicita o aparecimento de outras línguas e idiomas na sua tradução do nome *Buttercup* para o de *Amargarina*, e de como chegou a esse nome a partir da explicação que construiu da análise do nome *Buttercup*; ou seja, como ele transforma um nome próprio em nome comum, a partir de uma explicação-tradução que identifica e justifica o aparecimento de outras línguas. Nessa parte inicial da explicação aparecem os seguintes idiomas: *português, francês, latim, inglês* (além de *grego, italiano, latim litúrgico, hebreu* que aparecem ao longo de todo o comentário, cf. pp. 93-095). Ressalto ainda o jogo, o implante de palavras que é feito na construção do próprio idioma inglês neste livro. Do mesmo modo que é complexo o inglês de Joyce, também é complexa a relação das outras línguas e do português na construção desta tradução. Se há mais de uma língua-idioma inglês neste texto, qual seria, então, a relação do inglês com o português? Se partimos da constatação de que não há uma marca divisória entre as línguas, como responder às questões colocadas por Steiner: *Qual é a correlação privilegiada entre o texto A na língua de partida e o texto B na língua de chegada? Como atingir a fidelidade?*

Esta tradução tem princípios teóricos que a sustentam e que, de certo modo, procuram responder à questão da fidelidade e mais especificamente justificar a correlação privilegiada entre um texto A e um texto B. Haroldo de Campos (1967) parte de uma teoria bastante específica e que em parte responde as questões de Steiner. Ele faz a seguinte afirmação:

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades

esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma [...]. O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal. (p. 24)

A resposta à questão da possibilidade de uma correlação privilegiada entre as línguas poderia ser a afirmação de que há uma correlação formal entre os dois textos. Haveria uma fidelidade quanto à *sua fisicalidade, sua materialidade mesma*, como afirma o teórico. Resta saber como se chega a uma tradução do *próprio signo* sem passar pelo significado. Ora, a possibilidade de uma correlação formal, em si, é ilusória. Haverá sempre um significado interpretável a partir dessa fisicalidade. Esta *recriação, ou criação paralela* é uma tentativa de justificar e de dar conta deste transbordamento do significado previsto pelo *double bind*. Uma concepção de tradução como a da recriação é uma maneira de conviver com o *double bind*. Como tenho insistido, a partir da dimensão desconstrutivista, a questão da fidelidade e da correlação privilegiada já não se apresenta mais como nas concepções estrutural e formal e pós-estruturalista de tradução que sustentam a distinção entre duas línguas antagônicas e em oposição. Mesmo uma teoria tão elaborada, como a da *criação paralela*, que considera a encenação desta multiplicidade de línguas, tem como pressuposto a dicotomia forma e conteúdo para justificar o antagonismo das línguas envolvidas na tradução. Haroldo de Campos sabe, mais do que ninguém, que esta materialidade recriada nada mais produz que significados, idêntico processo àquele que utiliza para traduzir. Isso põe em xeque sua distinção entre a tradução do significado e a tradução do próprio signo, na língua de Joyce para a do tradutor, distinção que pretende, por um lado, responder à milenar questão sobre a fidelidade e, por outro, fortalecer a distinção institucional e o antagonismo entre as duas línguas envolvidas na tradução.

Vejamos, no entanto, como Haroldo de Campos (1971) comenta, com extrema lucidez, a complexa tarefa do tradutor destes fragmentos:

TRADUZIR James Joyce, especialmente fragmentos de Finnegans Wake, é uma ginástica com a palavra: um trabalho de perfeccionismo. Algo que nunca assume o aparato estático do definitivo, mas que permanece em movimento, tentativa, aberta e constante, trazendo sempre em gestação novas soluções, "pistas" novas, que imantam o tradutor, obrigando-o a um retorno periódico ao texto e seus labirintos. (p. 21)

Quero dizer que esta teoria da *recriação* ou *criação paralela* só é possível de ser articulada para explicar e justificar determinadas escolhas, pois há uma tensão

presente nos *textos criativos* e literários que é produzida pelo *double bind*. É da tensão provocada pela presença explícita de várias línguas, e da complexidade deste inglês e deste português, que esta impossibilidade – *double bind* – da tradução acontece. É a partir da afirmação de Derrida (cf. 1982, p.164) de que *há língua, que a língua é língua e há uma pluralidade de línguas que têm entre elas este parentesco de ser línguas*, que uma teoria deste tipo pode se sustentar. Toda teoria de tradução, incluindo a da recriação ou criação paralela, será sempre uma maneira de procurar sistematizar o *double bind*. Se há língua, há *double bind*, e a tradução enquanto deflagradora da multiplicidade de línguas resiste a qualquer tentativa de tornar este acontecimento estável e sistemático. Relembrando a afirmação da epígrafe deste trabalho de que *uma boa tradução nos diz simplesmente isto: há língua*, a tradução de Augusto de Campos, com certeza, é uma demonstração exemplar deste acontecimento.

Glas de Jacques Derrida é uma obra não menos complexa que *Finnegans Wake*, mas ainda desconhecida do grande público. É forte e densa e impõe a língua de maneira estupenda. Sobre *Glas* (que em português pode ser traduzido por *dobre* que significa: *toque – dos sinos – a finados*), o próprio Derrida (1987) faz uma aproximação do seu texto com o de Joyce, e comenta: *E passo depressa por Glas, que é uma espécie de Wake, de um extremo ao outro a longa procissão, em duas colunas, de uma teoria da alegria e uma teoria do luto* (p.25). Kofman (1984), sobre *Glas*³, afirma:

Cada texto, exprime Glas, é uma máquina de múltiplas cabeças leitoras para outros textos que comunicam assim entre eles, se vigiam, se respondem um ao outro, acasalados, divididos e aglutinados ao mesmo tempo, tornando-se com

³ Na separata (*prière d'ensérer*) – da primeira edição de *Glas* de 1974 e da sua reedição em 1995 – o próprio Derrida dá uma idéia da composição geral da sua obra: *De início: duas colunas. Mutiladas no alto e embaixo, cortadas no seu flanco: incisos, tatuagens, inscrições. Uma primeira leitura pode ser feita como se dois textos erguidos, um contra o outro ou um sem o outro, não se comunicassem entre si. E de uma certa maneira deliberada, o que é verdadeiro, quanto ao pretexto, ao objeto, à língua, ao estilo, ao ritmo, à lei. Uma dialética de um lado, uma galáctica de outro, heterogêneos e entretanto indispensáveis nos seus efeitos, às vezes até a alucinação. Entre os dois, a construção de um outro texto, diria de uma outra "lógica": apelidada de obséquencia, de penêtre, de stricture, de serrure, de anthérection, de mors, etc. Kamuf (1991) descreve *Glas* da seguinte maneira: *Um meio de descrever Glas é simplesmente invocar seu volume: 100 polegadas cúbicas (10 x 10 x 1 na versão original). Na largura, páginas quadradas, duas extensas colunas frente a frente com diferentes tipos: pequenas, densas na esquerda, larga, mais espaçada na direita. Truncado através das páginas e veremos um terceiro tipo, o menor dos três, cortando as colunas em vários pontos, formando incisões inscritas não importa o lado ao longo da sua extensa margem, ou abaixo do centro [...]. Não há notas, nem títulos de capítulos, nem índice. Cada coluna começa no que parece ser a metade de uma sentença, e termina 283 páginas depois, sem pontuação final* (p. 315).*

isso, quanto a seu código, quanto a seu sexo, indecíveis. Falam um na língua do outro sem mesmo se conhecer [...]: procissão de um texto, de uma língua na outra, passagem densa deste cortejo na margem de uma outra língua, na língua do outro, provocando uma espécie de transbordamento contrariando todos os limites cortantes: nada de quadro, nada de borda, nada de limite garantido entre um texto e seu exterior, o fim e o princípio de um texto, a unidade de um corpus, o título, as margens, etc. Mais que uma rede diferencial, um tecido de traços remetendo indefinidamente a outros, recorrendo a outras traços diferenciais. Cada texto, um pelo outro transformado, e a fortiori aquele que se escreve entre eles, não dispendo de nenhuma forma, nenhum gênero, nenhuma moda literária ou filosófica. Toque o dobre [*le glas*] do código e do gênero. (pp. 143 – 144)

Analisarei três⁴ excertos mostrando como o transbordamento ocorre na tradução através de uma outra língua. Como o *double bind* se impôs aos tradutores produzindo uma espécie de tradução recíproca. O inglês dentro do inglês, o inglês no francês e vice-versa, dando uma dimensão para a tradução nunca limitada à produção de um único significado. O *double bind* evidencia de maneira peculiar a multiplicidade de línguas, o implante *de uma língua para o corpo da outra*.

Vejamos o primeiro excerto (todos os destaques que seguem são meus):

On désire, on consomme, on travaille, ça passe et ça meurt. (p. 140)

One desires, one consum(mat)es, one labors, it (ça) passes (away) and dies. (p. 333)

Os tradutores, nesse caso, expressam a manifestação do *double bind* ao transformarem *consomme* em *consum(mat)es*. A palavra-verbo francesa *consomme* se transforma em *consum(mat)es*; uma espécie de palavra dupla – um enxerto – composta de dois verbos: *to consume* – *consumir*, *devorar* e *to consummate* – *consumar*, *completar*. *Consum(mat)es* agrupa, assim, os dois sentidos contidos no verbo *consommer*: *consumir* – *consumar* do francês.

Em *ça passe et ça meurt* que se transforma em: *it (ça) passes (away) and dies*, podemos ver a intervenção – o implante – do (*ça*) no inglês após o *it* como uma maneira de explicitar a fusão das duas línguas, já que *passes* tem uma escrita

⁴ Os excertos de *Glas (death knell)* em inglês, que analiso, foram retirados do livro *A Derrida Reader – Between the blinds*; organização, notas e introdução de Peggy Kamuf (1991). Os três excertos fazem parte da coluna à esquerda que trata das questões e discussões da filosofia de Hegel; e se encontram nas páginas 140, 141 e 146 da reedição francesa de 1995 (nas páginas 172, 174 e 183 na edição francesa em dois volumes de 1981) e nas páginas 333, 334 e 342 em Kamuf (1991). A edição em inglês de *Glas* foi publicada acompanhada do *Glassary* elaborado pelo tradutor John Leavey Jr.

idêntica à do francês, mas se diferencia na pronúncia, produzindo, assim, um jogo de semelhanças e diferenças, um transbordamento de uma língua na outra⁵. Com a colocação de (*away*) após *passes: it (ça) passes (away) and dies*, surge um jogo duplo de sentidos entre *passes (away)* e *dies*: o de *cessar, consumir, morrer*.

No segundo excerto temos um procedimento que considero extremamente elaborado:

[...] *de son propre présent, à peine phénoménal, entre nuit et jour – le pénombre – que Hegel détermine le désir en désir sexuel.* (p. 141)

[...] *from its own proper present, hardly phenomenal, between night and day – the penumbra(l man) [le pénombre] – at that moment does Hegel determine desire as sexual desire.* (p. 334).

Le pénombre transforma-se em: *the penumbra(l man) [le pénombre]*. Há, nesse caso, um jogo com a palavra *pénombre* que em francês é do gênero feminino, aqui aparece no masculino. No inglês ocorre a fusão de substantivo com um adjetivo, em: *penumbra(l man)* temos o substantivo *penumbra*, e com o (*l man*) torna-se um adjetivo. A mudança do gênero em francês cria uma intervenção no próprio francês indicada através do adjetivo no inglês, produzindo assim significados que provocam e enfatizam a encenação do *double bind*. A tradução transforma e articula estes significados a partir de seus contextos e produz outros⁶.

No terceiro excerto podemos verificar como ocorre de maneira diferente, dos dois exemplos anteriores, o transbordamento do significado.

Les attributs masculin dont elle se pare ne sont jamais que du toc, des signifiants sans signification, des fétiches. De la montre. Mal réglée sur le mouvement du soleil. (p. 149)

The masculine attributes with which she adorns herself are never anything but fake, signifiers without signification, fetishes. Are never anything but show [montre], but the watch [montre]. Badly adjusted [réglée] to the sun's movement. (p. 342)

⁵ Sobre esse enxerto do *ça* no inglês Leavey Jr. (1986) comenta: "It (*ça*): o Francês está incluído entre parênteses para lembrar o leitor do jogo homofônico de *ça* (*it*), *Ça* (o freudiano *Es, Id*), *Sa* (sigla do *saber absoluto* e abreviatura do significante saussuriano), e *sa* (pronome possessivo singular feminino) (cf. 1986, p.135). O próprio Leavey Jr., na sua tradução de *La vérité en peinture, Restitutions – Of Truth to Size*, de 1978, já havia deixado *ça* "intraduzível", colocando-o na frase entre vírgulas, por exemplo: *It, ça, only causes us to begin, [...]* (cf. p.3).

⁶ Koitichi Toyosaki (1981), ao fazer um levantamento das dificuldades específicas que pode encontrar um tradutor de Derrida, diz: "il y a aussi le *pénombre* quelque part: crépuscule et presque homme" (cf. p. 250).

De la montre faz um jogo duplo de sentido em francês, a palavra *montre* significa relógio e exibição (vitrine); em inglês a palavra *montre* é colocada após *show* e *watch* para evidenciar esta diferença e a duplicidade de sentido do francês. A colocação de *réglée* na tradução produz uma ambigüidade, como ocorre também no francês, para articular outros significados.

Nesses três excertos de *Glas*⁷ procurei identificar algumas das transformações de significados produzidas pelos tradutores ao fazerem aparecer a mistura das línguas, cruzando uma com a outra, evidenciando o que transborda de uma língua na outra. Nestas traduções há um jogo de implante e enxerto entre as línguas que evidencia o fato de que há línguas, que há uma permissão para que as línguas se misturem como já estão misturadas num único sistema lingüístico. Como afirma Kofman: *Glas é uma procissão de textos, de uma língua na outra, passagem densa deste cortejo na margem de uma outra língua, na língua do outro provocando uma espécie de transbordamento.* A tradução promove esse cruzamento e a articulação entre as línguas enquanto um acontecimento que contamina as línguas e é contaminado por elas.

Em *Grande Sertão: Veredas*, indiscutivelmente uma das maiores obras da literatura contemporânea, também uma língua está dentro da outra. João Guimarães Rosa recria o português dentro do próprio português. Há uma mistura de línguas que, inevitavelmente, a tradução para o alemão faz evidenciar.

Sperber (1982), no capítulo dedicado ao *Grande Sertão: Veredas*, ao comentar a linguagem e a estrutura elaboradas da obra, afirma:

A relação significante-significado é mediada pela aura de silêncio que envolve cada sintagma [estrutura mínima de sentido], no espaço, no tempo e na memória [...] que se abrem no ponto onde deveriam dar-se a articulação entre significante e significado. Como no ponto de articulação reside a arbitrariedade do signo, podemos dizer que é ela que é liberada. (p. 78)

Esta afirmação constata que há um redimensionamento da significação que se organiza em torno da relação significante-significado, e a importância que terá o tradutor na produção destes outros significados. Para Derrida (1972, p.30): *a tradução pratica a diferença entre significado e significante. Mas, se esta diferença nunca é pura, a tradução também não o é.* As várias traduções fazem sempre os tradutores repensarem constantemente as línguas uma vez que as questões do

⁷ Esses exemplos aparecem modificados em uma versão deste texto apresentada como comunicação com o título: *Traducción recíproca deconstrucción y double bind* no II *European Society for Translation Studies Congress* em Granada - Espanha - em 24 de setembro de 1998. Esse texto foi publicado na revista *Trabalhos em Linguística Aplicada* 34, UNICAMP: Campinas, S. P. 1999, pp. 93-100.

transbordamento e do *double bind* reaparecem sempre de modo muito específico para mostrar as diferenças e semelhanças entre as línguas envolvidas na tradução, a partir da problemática da tradução do nome próprio.

Bennington (1991) comenta que o nome próprio deveria garantir *uma passagem segura entre linguagem e mundo na medida em que deveria indicar um indivíduo concreto, sem ambigüidade, sem ser necessário passar pelos circuitos da significação* (p.80). E, ao discutir a questão da tradução do nome próprio que *pertence sem pertencer* à língua (cf. p. 122), Bennington afirma:

São necessários nomes próprios a uma língua que não os suporta enquanto tais, mas que no entanto os retêm tão ciosamente a ponto de recusar que eles se deixem traduzir para outra língua. Com isso afirma-se, primeiramente, que se esteve errado em falar até então da língua ao passo que se está de cara diante de uma multiplicidade de línguas em situação de tradução recíproca: mas o que cada língua guarda de mais próprio, e portanto de intraduzível, são justamente os nomes próprios que nem mesmo lhe pertencem enquanto tais, e que portanto devem parecer muito simplesmente dispensar tradução, encontrando-se já em um domínio de universalidade de referência absoluta. O que equivaleria a pretender que o absolutamente intraduzível é absolutamente traduzível, ou sempre já traduzido. (p. 122)

Reproduzo um trecho do final da obra de Guimarães Rosa⁸.

Tinha de ser Zé Bebelo. para isso. Só Zé Bebelo, mesmo, para meu destino começar de salvar. Porque o bilhete era para o Compadre meu Quelemém de Góis na Jijujã Vereda do Buriti Pardo. Mais digo? O senhor vá lá. No tempo de maio, quando o algodão lala. Tudo o branquinho. Algodão é o que ele mais planta, de tôdas as modernas qualidades: o rasga-letras, biból, e mussulim. O senhor vai ver pessoa de tal rareza, como perto dêle todo-o-mundo para sossegado, e sorridente, bondoso... Até com o Vupes lá topei.

Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou meu contar minha história inteira. Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência - calma de que

⁸ Reproduzo aqui o mesmo trecho, traduzido para o espanhol por Angel Crespo, que utilizei na conferência de Havana: *Tenia que ser Zé Bebelo, para aquello. Sólo Zé Bebelo mismo, para mi destino comenzar a salvar. Porque el billete era para mi compadre Quelemén de Góis, en el Jijuján: Vereda del Buriti Pardo. ¿Digo más? Vaya usted allá. En el tiempo de mayo, cuando el algodón lanalá. Todo lo blanquito. Algodón el lo que más planta él, de todas las modernas cualidades: el rasga-cartas, bibol, y musulin. Usted va a ver persona de tal rareza, que cerca de él, todo el mundo se queda sosegado, y sonriente, bondoso... Hasta con el Vupes me topé allá.*

Mi compadre Quelemén me esperó, dejó mi contar mi historia entera. Como vi que él me miraba con aquella enorme paciencia: calma para que mi dolor pasase; y que podía esperar muy largo tiempo. Viendo lo que, sentí vergüenza, asaz. (p. 453)

minha dôr passasse; e que podia esperar muito longo tempo. O que vendo, tive vergonha, assaz. (p. 460)

Nur einer wie Zé Bebelo konnte so etwas tun. Nur Zé Bebelo konnte meinem Schicksal eine neue Richtung geben. Denn die Botschaft war an meinen neuen Padrinho Quelemém de Góis gerichtet, in Jijujã, Vereda do Buriti Pardo. Muß ich mehr sagen? Gehen Sie hin. Im Mai, wenn die Baumwolle reift. Alles schneeweiß... Baumwolle pflanzt er am meisten, all die neuen Sorten: Rasga-Letras, Musselin, Biból. Sie werden einen sehr eigentümlichen Menschen finden, in seiner Nähe wird jedermann ruhig, gütig, strahlend... Dort lief ich sogar Vupes über den Weg.

Mein Padrinho Quelemém nahm mich auf und hörte sich meine ganze Geschichte an. Ich sah, mit welcher Geduld er mich anblickte, mit welcher Ruhe er abwartete, bis mein Schmerz sich legte, ich sah, daß er noch viel länger warten konnte. Als ich das sah, war ich beschämt. (p. 550)

Podemos dizer que estas palavras destacadas agora fazem parte do alemão? Podemos simplesmente dizer que elas são palavras em português no texto em alemão? Elas foram absorvidas – enxertadas – no texto em alemão, transformadas até certo ponto para o idioma alemão. Estas palavras levantam sempre uma polêmica: a tradução de nomes próprios. Neste trecho temos: *Zé Bebelo*, *Jijujã*, *Vereda(e) do Buriti Pardo*, *Rasga-Letras*, *biból* e *Vupes*, em português no texto em alemão, não houve nenhuma mudança; ou seja, permanecem as mesmas formas linguísticas nas duas línguas. Podemos nos perguntar: que tipo de tradução houve? Entretanto, no caso da transformação de *Compadre meu Quelemém de Góis*, do português, para *Padrinho Quelemém de Góis*, em alemão, há uma mudança: a de *Compadre* para *Padrinho*. Vejamos; *padrinho* é assim definido no glossário⁹ no final do livro: *Taufpate, Pate, Gevatter, wahlverwandtschaftliche Beziehung, freundschaftlicher Beschützer (padrinho, compadre, relação de parentesco, protetor amigável)*. Em português temos o seguinte significado dicionarizado para *padrinho*: *testemunha de batismo, casamento, duelo, etc.*, e para *compadre*: *padrinho de um neófito em relação aos pais, e pai do neófito em relação aos padrinhos. Amigo – companheiro*. O tradutor alemão coloca *padrinho* no lugar de *compadre* fazendo um movimento de tradução recíproca garantido pelo

⁹ São as seguintes as palavras que compõem o glossário no final da edição em alemão: *Aлкеira, Arroba, Bugre, Caatinga, Cabocio, Caipira, Catrumano, Cabocio d'Água, Cabra, Cachaça, Campos Gerais, Cangaceiro, Capanga, Casa Grande, Conto (de Réis), Delegado, Dona, Fazenda, Fazendeiro, Farofa, Gerais, Gravatã, Jacaré, Jacuba, Jagunço, Jagunçada, Jagunçagem, Januária, João-Congo, Léguas, Liso, Mato, Matuto, Milrêis, Mutuca, Padrinho, Picada, Pinga, Piranha, Quintal, Rancho, Ranchinho, Rapadura, Raso, Réis, Rio, Saci, Rio do Chico, Senhor, Seo, Seô, Seu, Sio, Serra, Sertanejo, Sertão, Sítio, Traira, Vereda, Zebu* (pp. 553-555).

deslocamento do sentido de *compadre*. Sua definição de *padrinho* inclui também o sentido de *compadre*, desfazendo, em alemão, a distinção existente entre as duas palavras no português. Desse modo, o tradutor interfere no próprio texto de Guimarães Rosa, uma vez que o leitor da tradução pode deduzir que a palavra *padrinho* pertence, como as outras destacadas, ao texto em português.

Esses nomes mantidos em português dão a impressão de serem decalques – implantes – de uma língua na outra transformando e produzindo um especial efeito de sentido. Isso mostra que *há língua*, como tenho insistido, e dá uma idéia de como o *double bind* – o traduzível e intraduzível – joga com a transformação do nome próprio em nome comum. Derrida (1982), após analisar a questão do mito da torre de Babel, da tradução do nome Babel e do nome de Deus, comenta:

[...] eu diria que todo nome próprio é constituído deste desejo: traduza-me e não me traduza [double bind]. Não me traduza, isto é, respeite-me como nome próprio, respeite minha lei de nome próprio que está acima de todas as linguas e traduza-me, isto é, compreenda-me, conserve-me na língua universal, siga minha lei, etc. (p.137)

A tradução do nome próprio traz a questão do *double bind*: traduzir e ao mesmo tempo não traduzir, como o fez Curt Meyer-Clason. O texto alemão está contaminado pelo português e vice-versa. As palavras que o tradutor deixa flutuar no texto em alemão são uma encenação do *double bind* permitindo, assim, a fusão das duas línguas. Essa encenação do *double bind*, na tradução do *Grande Sertão: Veredas* para o alemão, é notável.

Através da análise destas traduções procurei mostrar o transbordamento e a multiplicidade de línguas que está por detrás de toda tradução recíproca permitida pelo *double bind*. Esse acontecimento não é uma característica destas traduções, há uma enormidade destes exemplos em muitas outras obras da literatura universal, diria até em todas as traduções. O que fica como uma discussão posterior, e que aqui só iniciei, é a questão das teorias de tradução. Ou seja, até que ponto estas teorias, na tentativa de estabelecer certos parâmetros que direcionem as oposições entre as línguas, estão procurando entender o transbordamento e a multiplicidade de línguas que ocorre em toda tradução? Nesse caso, a linha divisória imaginária entre uma abordagem estrutural e formal e uma pós-estruturalista deve ser questionada. A dimensão desconstrutivista, ao evidenciar a questão da língua, como vimos em Derrida, procura instalar um outro lugar de reflexão: o do *double bind*. Desse modo, as duas abordagens teóricas antagônicas, que expus no início, procuraram responder de maneiras diferentes às questões, que há dois mil anos, segundo Steiner, são discutidas. Devemos refletir também numa outra direção: se as línguas se misturam, transbordam uma na outra, se há impurezas e se numa língua há outros sistemas linguísticos, outras

línguas, como atingir a fidelidade? Qual é a correlação privilegiada entre uma língua A (de partida) e uma língua B (a de chegada)? Na teoria da recriação ou criação paralela de Augusto e Haroldo de Campos, a tradução de fragmentos de *Finnegans Wake*, mesmo pretendendo garantir a fidelidade com a forma, com a tradução do próprio signo, é traída pelo *double bind*, tendo que produzir um movimento permanente de recriação. Para os tradutores de *Glas*, o relacionamento entre o francês e o inglês e suas proximidades são identificadas em detalhes minuciosos de língua que produzem um jogo – um implante – harmonioso de reciprocidade entre os dois idiomas. As palavras em português do *Grande Sertão: Veredas* recolocadas no texto em alemão produzem um efeito de decalque, passam a ter um papel importante na fusão – no enxerto – de uma língua na outra. Assim podemos afirmar que na tradução recíproca não há somente duas línguas envolvidas, que não há nunca duas línguas, o que há são suas multiplicidades. As fronteiras imaginárias entre as línguas são apenas regras de um jogo, para que se possa refletir sobre tradução e para que o tradutor possa encenar o paradoxo *double bind*, a existência das várias línguas nas línguas envolvidas na tradução.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, A. (1989) - *Translation and the Nature of Philosophy - A New Theory of Words*. London, New York: Routledge.
- BENNINGTON, G & DERRIDA, J. (1991) - *Jacques Derrida*. Paris: Éditions du Seuil (*Jacques Derrida*, tradução para o português de Anamaria Skinner, Jorge Zahar Editor Ltda, Rio de Janeiro, 1996).
- CAMPOS, A. de; CAMPOS, H. de (1971) - *Panaroma do Finnegans Wake*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A.
- CAMPOS, H. de; (1967) - Da Tradução como Criação e como Crítica *In Metalinguagem*, Petrópolis, Editora Vozes, pp. 21-38.
- (1971) - "Panaroma em Português" in *Panaroma do Finnegans Wake*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., pp. 21-25.
- DERRIDA, J. (1972) - *Positions*. Paris: Editions de Minuit (*Posições*, tradução para o português de Maria Margarida Correia Calvente Barahona, Plátano Editora, Lisboa, 1975)
- (1974) - *Glas*, Paris, Éditions Galilée - reedição em 1995. Edição em dois volumes pela editora Denoël/Gonthier, 1981 (*Glas*, tradução para o inglês de John P. Leavey Jr. e Richard Rand, University of Nebraska Press, 1986).
- (1982) - *L'Oreille de L'Autre*. Montréal: VLB Éditeur.
- (1985) - Des Tours de Babel *In Difference in Translation* (Ed. Joseph F. Graham) Cornell University Press, pp. 209 -248.
- (1987) - *Ulisses Gramophone - deux mots pour Joyce*. Paris: Galilée ("Duas palavras por Joyce", tradução para o português de Regina Gisse de Agostino in *Riverrum - Ensaios sobre James Joyce*, Arthur Nestrovski (org.) Ed. Imago, Rio de Janeiro 1992, pp. 17-39).
- (1939) - *Finnegans Wake*. London: Faber and Faber Ltd. New York: The Viking Press.
- LEAVEY Jr., J. P. (1986) - *Glossary*. University of Nebraska Press.
- (1978) - Restitutions - Of Truth to Size, De la vérité en peinture. *In Research in Phenomenology*, New Jersey, Humanities Press Inc., volume VIII, pp. 1 - 44.
- KAMUF, P. (1991) - *A Derrida Reader - between the blinds* (ed. Peggy Kamuf). New York: Columbia University Press.
- KOFMAN, S. (1984) - Ça Cloche. *In Lectures de Derrida*. Paris: Editions Galilée, pp. 113-151.
- MOUNIN, G. (1963) - *Les Problèmes Théoriques de la Traduction*. Paris: Editions Gallimard (*Os Problemas Teóricos da Tradução*, tradução para o português de Heloysa de Lima Dantas, Ed. Cultrix, S.P. 1975).

- OTTONI, P. R. (1997) - Compreensão e Interpretação no ato de traduzir: reflexões sobre o enunciado e a significação. *Lusorama - Zeitschrift für Lusitanistik* 32, Berlim, Março de 1997, pp. 19 - 27.
- ROSA, J.G. (1956) - *Grande Sertão: Veredas* (4ª edição - 1965) Rio de Janeiro, José Olimpio Editora, (*Grande Sertão*, tradução para o alemão de Curt Meyer-Clason, Kiepenheuer & Witsch, Colônia e Berlim, 1964), (*Gran Sertón: Veredas*, tradução para o espanhol de Angel Crespo, Biblioteca Formentor Seix Barral, 1975).
- SPERBER, S. F. (1982) - *Guimarães Rosa: Signo e Sentimento*. São Paulo: Editora Ática.
- STEINER, G. (1975) - *After Babel - Aspects of language & translation*. New York: Oxford University Press (segunda edição, 1992).
- TOYOSAKI, K. (1981) - Traduction et/ou citation. In *Les Fins de l'homme - A partir du travail de Jacques Derrida*. Colloque de Cerisy-la-Salle, Lacoue-Labarthe, Ph. e Nancy, J-L. (orgs). Paris: Galilée, pp. 245 -253.